

## O meu passaporte

Não foi o primeiro – e é ele próprio que aponta Vasco Calixto como um pioneiro: “o que eu ando a fazer agora, fê-lo ele há 50 anos” – mas foi (é) com certeza o mais mediático. Quando começou a viajar “a sério”, curso de gestão completo e alguns meses de trabalho das “9 às 5”, teve a sorte de assistir em Portugal ao aparecimento das primeiras secções de viagens na imprensa e de revistas especializadas. “Percebi que o destino me tinha dado uma oportunidade: vou dez meses à deriva e faço algo que ficará comigo toda a vida, ou atiro-me a esta oportunidade e desenvolvo um certo profissionalismo.” Gonçalo Cadilhe optou por “não ir ao sabor da corrente” – “essa oportunidade coadunava-se com a minha maneira de ser, gosto de viajar e de escrever, de acordar todos os dias num país diferente” – e por encontrar uma nova “profissão”. “Embora possa parecer muito pomposo e presunçoso”, afirma, “viajante profissional continua a ser a melhor designação para o que faço”. Afinal, explica, é a viajar que consegue ter “uma profissão ou várias”. Cronista e escritor de viagens, guia de expedições – viajante, portanto, provavelmente, o mais conhecido em Portugal, autor de vários *best-sellers*.

Está de partida para as ilhas Molucas com uma expedição da Agência Nomad, com a qual trabalha desde 2008. Já lá esteve

não sabe “quantas vezes”, este novo regresso está relacionado com a viagem que propôs à Nomad (*Nas ilhas das especiarias com Gonçalo Cadilhe*) baseada no seu livro *Nos Passos de Magalhães*. “Eu vou para lá porque me pagam. Se não, não iria.” “Pode parecer um bocado de balde de água fria para quem tem aquela ideia romântica do viajante e, nomeadamente, do Gonçalo Cadilhe como viajante”, assume, “mas hoje em dia o que me estimula mais [quando viajo] é o trabalho bem feito”. Já houve, reflecte, aquele impulso, “ótimo e extraordinário quando estamos nessa fase da vida”, de deixar tudo e ir oito meses onde apetece. Mas nunca o realizou.

Quando começou a viajar já foi com o “peso da responsabilidade de voltar com material fotográfico, apontamentos”, mas com “uma diferença fundamental”, sublinha. Hoje em dia, vai com tudo definido e marcado com cliente, que pode ser um jornal ou uma televisão ou a agência; há 20 anos, ia “às apalpadelas”, que é como quem diz, ia ver o que conseguia e quando regressava ia bater a todas as portas para conseguir colocar as suas ideias. “Tanto era assim, que trabalhava em tudo quanto me aparecia” – a saber: empregado de mesa e de hotel, operário num estaleiro de iates, músico (tudo em Itália) e vindimador (França). Era tudo “muito mais precário, muito mais incógnito”, mas “aceitava porque sentia que já estava a construir algo”.

### Bilhete de identidade

Gonçalo Cadilhe nasceu em 1968, na Figueira da Foz, e licenciou-se em 1992. Foi no final da licenciatura que começou a viajar “de forma mais consistente” e a publicar textos das suas viagens, actividade que se tornou permanente em 1996. Mantém colaborações regulares com o *Expresso*, *Visão Viagens*, *Blitz*, *SurfPortugal*, uma revista de surf brasileira e tem uma crónica semanal sobre viagens na Antena 1 (às sextas-feiras, às 9h40). Publica regularmente desde 2005, ano de *Planisfério Pessoal* e de *No Princípio Estava o Mar*. Seguiram-se *A Lua Pode Esperar* (2006), *África Acima* (2007), *Nos Passos de Magalhães* (2008), *Tournée* (2008), *1 Km de Cada vez* (2009), *O Mundo é Fácil* (2010) e, acabado de sair, *Encontros Marcados* (2011). Em 2007 estreou-se nos documentários para televisão com um projecto sobre Fernão de Magalhães, experiência que repete com *Geografia das Amizades* (2010) e, no mesmo ano, com *Nos Passos de Fernão Mendes Pinto*, que assinalou os 500 anos do nascimento do autor da *Peregrinação*. O próximo projecto ainda é “um diamante em bruto”, por isso não o revela – mas será, novamente, televisivo.

## Gonçalo Cadilhe

# “Sempre senti que estava em viagem”

É viajante profissional e isso encaixa que nem uma luva na sua maneira de ser. Gosta de viajar e escrever, mas este não é um emprego, é a sua vida. Longe da ideia romântica do viajante, mas alimentada por uma curiosidade inesgotável de percorrer o mundo – e de regressar aos sítios onde já esteve, a melhor parte das viagens, contou a **Andreia Marques Pereira** (texto) e **Adriano Miranda** (fotos)





Algo para que despertou em 1990, mas que, olhando para trás, percebe que já germinava desde a infância, desde que, aos oito anos, entrou para os escuteiros e descobriu um admirável mundo novo. “Se calhar, se eu disser que a minha primeira grande viagem foi a Cantanhede, as pessoas olham-me de lado”: estar cinco dias a acampar com miúdos da sua idade foi, sublinha, mais marcante do que aos 35 anos atravessar o Afeganistão. No entanto, aquela “que seria considerada por qualquer pessoa uma grande viagem” aconteceu no final do curso: à África do Sul do final do apartheid, no início dos anos 90. Com dinheiro que conseguiu juntar ao longo da universidade, esteve sozinho dois meses na sua primeira viagem intercontinental. Não era para ser assim (os outros amigos acabaram por não poder ir) mas percebeu que “viajar sozinho é fantástico” (mais que não seja, porque toda a gente quer ajudar).

Duas décadas depois, já não viaja muito sozinho – os compromissos profissionais assim obrigam – mas mantém a mesma mochila de sempre, “um fétiche”, que o acompanhou enquanto enchia passaportes atrás de passaportes. Por estes dias tem um quase novo no bolso. Os carimbos da sua estadia estival de três meses na Ásia são ínfima parte dos que atestam a sua passagem por “entre 90 ou cem países” – “há muito que não faço essa contabilidade”. A compulsão pelas “cruzinhas” (“está visto, está visto”) nunca a teve e certamente nunca teve a ambição de conhecer todos os países do mundo. Há tantos países onde não lhe interessa ir como aqueles que já visitou. E a muitos dos quais volta regularmente. Para Gonçalo Cadilhe, regressar aos lugares “é a melhor parte das viagens”: a sensação de experienciar um lugar aos 20 anos e voltar aos 40 ajuda a perceber o que “maturidade significa” e há a necessidade de “recuperar pessoas”, no “sentido físico de as abraçar”, de “alimentar amizades”.

Não se lembra bem de quais eram os sítios que queria mesmo conhecer quando começou a viajar, mas sabe que foram influenciados pelas leituras de criança sobre grandes civilizações mundiais. “Sei que, por exemplo, as pirâmides dos maias faziam parte do meu imaginário”, recorda, “creio que comecei um pouco por esses lugares”. Ainda hoje, um impulso que o move é a curiosidade em conhecer o que chama de “lugares fundamentais da geografia e da humanidade”, como são, para si (“a importância é subjectiva”), por exemplo, o Estreito de Magalhães, o Cabo de Sagres, ou o Khyber, desfiladeiro no Afeganistão que separa a Ásia Central do subcontinente indiano.

Estes, já os conhece todos. “Muito daquilo que me despertava a curiosidade, já vi, já regresssei”, reconhece. Já não sente compulsões do género “ainda não fui e estou ansioso por ir”, afirma, o que não é o mesmo que ter a “pretensão” de dizer que já viu tudo o que lhe interessava. Porém, assume, neste momento interessa-lhe mais “manter uma certa coerência na carreira profissional de viajante”. Tal significa que cada novo passo deve ser uma mais-valia em relação ao anterior. “Estou sempre a responder ao que me estimula e cada viagem deve acrescentar algo, quer a nível de livros, para que o leitor não sinta que está sempre a ler a mesma coisa, quer a nível pessoal, para que possa olhar para o que ando a fazer e sentir que estou a avançar na direcção que me interessa, mesmo que muitas vezes não seja uma direcção imposta por mim.”

Se não fosse viajante profissional, Gonçalo Cadilhe não abdicaria do “prazer” que são as viagens. Fala-lhe, porém, “com muito cuidado” – “pouco, mas muito bem”. E viajar bem, explica, é “saber, por exemplo, qual o período ideal para ir a um lugar, jogando com o clima, mas também com o fluxo turístico”. Sendo profissional, não vê as viagens como um emprego – e não necessita de férias. “A minha vida está tão adaptada, como uma luva, ao que eu sou, ao que eu gosto de ser, que não consigo fazer uma distinção entre trabalho e férias.”

Embora sinta que “está a envelhecer, que as coisas se estão a tornar mais lentas”, a necessidade de “criar sempre desafios ligados a uma coisa genérica chamada viagens mantém-se”. Não crê que a idade vá afectar as suas viagens, afirma, porque estas são alimentadas pela sua “curiosidade e necessidade cultural de percorrer o mundo”. É com elas que terá de fazer contas, não com o seu físico. Por isso, “não interessa o tipo de viagens, mas sim a motivação” – nem que seja “uma pequena viagem a um desfiladeiro no Norte de Espanha que mudou a História da Península Ibérica (onde os árabes voltaram para trás)”, que se calhar ficará para quando tiver 80 anos. Até lá, outras viagens se escondem para lá do horizonte, a desafiá-lo. “Sempre senti que estava em viagem.”

## As viagens de eleição

### 2002-2004

Volta ao mundo sem transportes aéreos. Durante 19 meses, atravessou 38 países, numa viagem que deu origem ao livro *Planisfério Pessoal*. “Foi o maior desafio que tive.”

### 2006

Viagem do Sul ao Norte de África, “à boleia e no que fosse possível”. Foi a viagem mais exigente em termos físicos e de desconforto. E se, conta, na viagem à volta do mundo tinha fé de que tudo ia correr bem, nesta ia “muito céptico”. “Só quando cheguei à Mauritânia respirei fundo.” Acabou em livro – *África Acima*.

### 2007

A viagem no rasto de Fernão Magalhães. Foi “um bocado atípica”, pela “logística brutal que implicou”, e resultou num documentário (RTP2) e num livro, *Nos Passos de Magalhães*. À medida que as coisas foram acontecendo, foi descobrindo “uma poesia na viagem que a partida não antecipava”.

### 2008

Um ano a viajar pelas ondas de surf preferidas. E um projecto muito pessoal: há anos que andava a pensar esta viagem para os seus 40 anos, 12 ondas para 12 meses. “Uma viagem de que me orgulho muito, porque demonstra alguma determinação e perspectiva do que é importante na vida.” Uma aposta (quase) ganha, só nas Galápagos é que nem chegou a tirar a prancha porque não houve ondas. A memória está no livro *1 Km de Cada vez*.

### A próxima

O seu top 5 de viagens completa-se com a próxima. “Onde quer que seja.”



## Carimbo mais desejado

Gonçalo Cadilhe não pensou em países, mas numa frase. “Uma ideia engraçada a partir dessa coisa do carimbo”: “autorizado ad eternum” ou “entrada grátis vitalícia”.